

ANEURISMA DE JUGULAR EM EQUINO RELATO DE CASO

**THAIANE ALBUQUERQUE DE OLIVEIRA¹; FERNANDA MARIA PAZINATO²;
ALICE CORREA SANTOS³; TOMÁS VESZ BICHUETI³; KAYANE ROSALES
MOLARINHO¹; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA⁴**

¹ *Graduanda Faculdade de Veterinária – Universidade federal de Pelotas –
thai_albuquerque@hotmail.com*

² *Mestranda PPGV – Universidade federal de Pelotas – fernandampazinto@hotmail.com*

³ *Médico Veterinário Residente HCV – Universidade federal de Pelotas*

⁴ *Professor Associado Faculdade de Veterinária – Universidade federal de Pelotas –
cewn@terra.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Aneurisma é definido como a dilatação localizada de um segmento de um vaso sanguíneo, sendo o termo mais comumente aplicado para as dilatações arteriais, embora possa ocorrer em qualquer porção do sistema vascular (DOURADO *et al.*, 2006). É causado pelo enfraquecimento de suas paredes, podendo ocorrer por trauma ou doença vascular. Qualquer vaso sanguíneo pode ser afetado.

O aneurisma venoso em equino é uma anomalia rara, assim como Savi, *et al.* (2010) relatam em humanos.

O objetivo deste estudo é a descrição de um caso clínico de aneurisma na jugular de um equino da raça Crioula.

2. METODOLOGIA

Foi atendido no Hospital de Clínicas Veterinária da UFPel um equino, macho, pesando 486kg, raça Crioula, de dez anos de idade, com histórico de trauma na região do peito, há aproximadamente dois anos. O histórico do aumento de volume era de crescimento gradativo, na palpação tinha característica fechada, firme, indolor e sem aumento de temperatura.

Na avaliação clínica, os parâmetros se mostraram sem alterações com frequência cardíaca (FC): 40bpm, frequência respiratória (FR): 32mpm, tempo de perfusão capilar (TPC): 2 segundos, mucosas róseas, hidratado, consciência alerta. Como exames complementares foram realizados hemograma, na data de chegada e periodicamente no período de internamento, e ultrassonografia da massa na região peitoral.

O tratamento foi cirúrgico, durante a cirurgia o animal foi a óbito e após foi realizada necropsia e avaliação histológica de tecido da massa, sendo este coletado e fixado em solução de formol salina a 10%, posteriormente processado em parafina, desparafinado e montados sobre lâmina histológica, a avaliação foi microscopia ótica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na ultrassonografia foi observado uma massa com aproximadamente 18cm de diametro, região anecóica periférica com 10mm de espessura, uma área hiperecólica de 1-2mm característica de cápsula e na região central imagem anecóica de aproximadamente 25mm com o centro hipercóico de 4mm. Esta imagem era compatível com abscesso, por esse motivo optou-se encaminhar o animal para excisão cirúrgica da massa.

Aumento de volume na região do peito, podem ter relação a alteração traumática. A região de peito é um local comum de formação de abscesso, devido contaminação do subcutâneo por trauma ou administração de medicamentos (SMITH, 2009). Enquanto existem raríssimas descrições de aneurismas, na espécie equina. O mais comumente encontrado é o aneurisma verminótico, causado pelo *strongylus vulgaris*, com migração das formas imaturas nas artérias mesentéricas, e migração errática nas artérias ilíacas, causando aneurisma (CHAPLIN & GONÇALVES, 1986), que não tem relação com a descrição deste caso clinico. Não foram observadas alterações nos hemogramas.

Como tratamento foi instituída excisão cirúrgica da massa, sendo realizada com animal em estação, utilizando detomidina, 0,05mg/kg via intravenosa, como sedativo. Após dissecação do tecido muscular adjacente a cápsula presente na massa, observou-se presença de sangue no interior. Optou-se por colocar o animal em decúbito dorsal sob anestesia dissociativa para melhor abordagem, com 3mg/kg de quetamina associada a 1mg/kg de diazepam. Após dissecação da cápsula, verificou-se que a mesma era uma saculação da parede vascular de veia jugular, sendo caracterizado como aneurisma vascular. Houve uma intensa hemorragia, que foi abordada com venorrafia, entretanto o paciente apresentou hipotensão e choque evoluindo para óbito.

Em casos de aneurisma Dourado *et al.* (2006) e Savi *et al.* (2010) relataram que o tratamento, dependendo da localização anatômica, pode ser

conservador, com a simples observação de sua evolução, ou cirúrgico. Entretanto no caso apresentado, o animal era uma garanhão que utilizado em monta a campo, com possíveis traumas, que colocavam sua vida em risco. Desta forma justifica-se a abordagem cirúrgica. Segundo Savi *et al.*, (2010) uma das sugestões de tratamento de um aneurisma venoso é a ligadura das veias proximais e distais.

Na necropsia foi observado incisão na região ventral do pescoço próximo a entrada do tórax, havia duas ligaduras de vasos e tecido muscular com fio inabsorvível, foi retirada em bloco dessa área. Após fixação em solução de formol salina a peça foi dissecada a fim de definir os vasos afetados.

A confirmação diagnóstica é feita pelo exame histopatológico, com a presença de dilatações localizadas do lume, acompanhadas por vários graus de adelgaçamento da parede, podendo haver a presença de trombos (DOURADO *et al.*, 2006). Após dissecção foi diagnosticado aneurisma de veia jugular direita, sendo o fragmento característico de tecido vascular. O tecido muscular adjacente a região afetada também foi fixado para posterior dissecção, verificando-se comprometimento somente da jugular, sem alteração na musculatura adjacente. Dessa forma, foi possível estabelecer o diagnóstico de aneurisma.

A primeira descrição de aneurisma venoso, em humanos, foi feita por Osler, em 1913, em um caso de dilatação de veia axilar associado a aneurisma da artéria homônima (DOURADO *et al.*, 2006 & SAVI *et al.*, 2010). Embora a causa dos aneurismas venosos seja desconhecida, a teoria mais aceita é a perda focal de componentes do tecido conjuntivo normal da parede da veia, devido a uma falha congênita de desenvolvimento ou perdas degenerativas com a idade, resultando em um enfraquecimento da parede e tornando-a vulnerável à dilatação (DOURADO *et al.*, 2006). Segundo Savi *et al.* (2010) a etiologia do aneurisma se deve a degeneração da parede venosa, resultando em adelgaçamento da camada elástica e muscular da parede da veia, ou por um prolongado estresse mecânico da parede venosa.

Em função das alterações estruturais, Dourado *et al.* (2006) descreve que os aneurismas venosos podem se apresentar como fusiformes ou saculares, em razão de uma dilatação progressiva e focal, mais ou menos concêntrica ou excêntrica. Essa distinção é importante para a estratégia cirúrgica.

De acordo com Savi *et al.* (2010) os aneurismas venosos em humanos não devem ser menosprezados. Podem apresentar risco significativo de morbidade e mortalidade por ruptura e hemorragia, ou por trombo e eventual formação de

embolia pulmonar. Já Dourado *et al.* (2006) afirma que embora a ruptura seja uma complicação previsível caso não seja realizado o tratamento cirúrgico, esta é uma complicação bastante rara. Entretanto por se tratar de um equino os riscos são muito maiores. Outras complicações citadas são hipertensão portal e comprometimento respiratório e do retorno venoso ao coração.

4. CONCLUSÕES

Aneurismas venosos em equinos são raros. Entretanto, essa enfermidade não deve ser desconsiderada. Deve-se qualificar o diagnóstico diferencial, utilizando-se principalmente a imagem, para que o resultado da abordagem tenha uma segurança maior.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYARS, T.D.; WHITING, J.L. Histórico, exame físico e registro de equinos. In: BRADFORD P. SMITH. **Medicina Interna de Grandes Animais**. São Paulo: Manole, 2006. Cap.2, p.15-23.

CHAPLIN, E.L.; GONÇALVES, P.C. ESTRONGILOSE EQUINA: importância do meio ambiente no controle e prevenção da doença. **Arquivo da Faculdade de Veterinária UFRGS**, Porto Alegre, v.14 p.11-15, 1986.

DOURADO, O.C.; MIRANDA, A.G.; PINHEIRO FILHO, A.; DOURADO L.E. Aneurisma venoso no pé: relato de casos e revisão da literatura. **Jornal Vascular Brasileiro**, Porto Alegre, v.5, n.4 , 2006.

SAVI, E.P.; WAGNER, F.; BOPPRÉ, R.; MAMPRIM, F.C.; BOPPRÉ A. Ressecção de aneurisma venoso em veia jugular externa direita. **Jornal Vascular Brasileiro**, Porto Alegre, v.9, n.4 , 2010.

VEIGA, C.C.P.; SCOTT, F.B.; BOTTEON, P.T.L.; COMENDOUROS, K.; HERNANDEZ, J.M.; ANTUNES, M.S.; FERNANDES, J.I.; AZEVEDO F.D. Avaliação ultrassonográfica das artérias aorta abdominal, mesentérica cranial e

ileocecóclica em equinos. **Revista Brasileira de Medicina Veterinária**, Rio de Janeiro, v.33, n.2, p.83-88, 2011.